

ILUSTRAÇÃO



1.º ANO — Número 17

Lisboa, 1 de Setembro de 1926

PREÇO 4500

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão



A Sedução da Praia

A sedução da praia começa a luzir em promessa com as fogueiras bailadoras do S. João, e queima-se, estertoriza, no magusto de Todos-os-Santos. Vive, portanto, luminosamente, ao maior chispas do sol, entre as chamas festivas que celebram os prenúncios do calor e as que anunciam, estalidentes de castanhas, a chegada do inverno.

Dizer praia é dizer verão.

De meados de Julho a fins de Outubro, o mar toma conta de uma boa parte da humanidade, que vai repousar à sua beira, encharcando-se de água salgada, ou limitando-se — os grévistas do banho! — a respirar as emanções do imenso reservatório de energia.

É sempre belo o mar amigo, mas só o solstício estival tem artes de lhe abrandar o gênio um pouco áspero. As praias existem todo o ano. O estio, porém, é o ardente forjador desse sonho de tranqüilidade vivificante, de animador bem estar, a que chamamos «a praia» — rival azul do campo verde e da montanha arroxeadas!

Nem tôdas as serranias se mostram acolhedoras. No campo, o maior quinhão de prazer cabe aos donos das quintas ou aos seus hóspedes. A praia, essa, é de todos, e não repele ninguém.

Comunista, a areia é muito mais rebelde à propriedade privada do que a terra. Sem requerer os trabalhos que esta exige, apresenta curiosos caracteres a sua obra criadora, que não serve simplesmente para o frágil arquitectar dos castelos da ilusão.

Do conúbio com as ondas, tira a areia, em sortes de magia, fecundidades triunfantes. Como a terra, sua competidora, se cobre de flores na primavera, a praia, chegado o tempo dos banhos — primavera do mar! — floresce deslumbrante, inesperadamente. O areal, vazio, êrmo, uniforme, converte-se, da noite à manhã, numa cidadezinha vistosa e povoada, cheia de tendas brancas, toldos riscados, mulheres, petizada, gente, movimento, algazarra.

Enquanto os jardins, à força de cuidados, amanhecem com as mesmas flores nos mesmos canteiros, a praia, que era um descampado e uma solidão húmida, ostenta, em rasgo genial, entre risos de carne e folguedos da espuma, um jardim de formas e cores novas, frescas, moveições, superior à graça dos pomares, aos contornos da floresta, à fartura das searas.

Perto do mar, os jardins não se dão bem — dizem que por causa da marésia! Quem sabe se eles não fogem da costa por inveja despeitada?

Artista calhado no segredo das marés, o mar há-de sempre deleitar os artistas, por esse caprichoso tino de improvisar, de súbito, para a efemeridade, os seus quadros magníficos e as suas admiráveis esculturas, desentranhando, ao sabor da excelsa fantasia, as delícias melhores para nossos olhos.



Uma banhista estrangeira

-mar é crime de lesa-natureza.

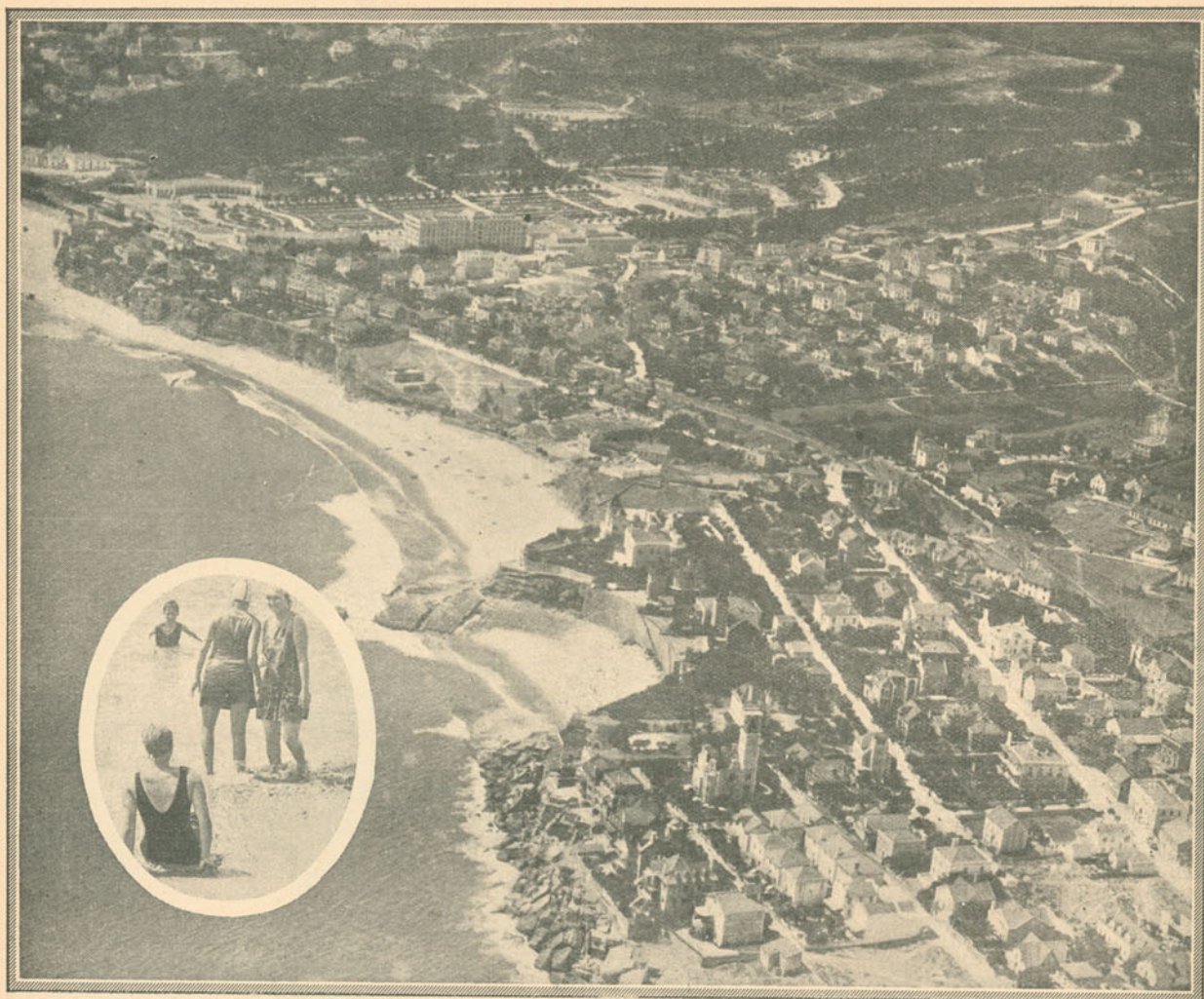
Tanto faz esta como aquela praia. São tôdas noivas do mar — sultão insaciável! Pode haver preferências; não se admitem banimentos. Haja, para os exclusivistas, a sultana predilecta e amada, mas que a ronda das subalternas tenha também direito a um galanteio fugidio!

Magestas ou humildes, obscuras ou afamadas, vastas ou pequenas, as praias tôdas são de estimar e atrair: quer as praias arrabaldeiras, que, perto das cidades, oferecem generoso refrigério aos que não



Alegria à beira-mar

A norma do mar é a beleza. De aí ser necessário não a perder de vista, em facto ou em intenção, quando o destino nos põe, afortunadamente, em contacto com êle. Nunca está bem a fealdade, mas viver feiamente à beira-



Os Estoris, com a praia e o parque, vistos de aeroplano. — Cena da praia

(Clichê Serra Ribeiro)

podem ir mais longe; quer as praias burgos, com mais responsabilidades de conforto elegante; quer as isoladas e solitárias, de acesso mais difícil e maior à-vontade.

O encanto das praias, variado, é como o vário atractivo da mulher — praia do sonho masculino! Por isto ou por aquilo, pelo que revelam ou pelo

que disfarçam, por tudo ou por um nada, podem fazer alguém feliz... uns meses ou um dia, convidando-nos a reincidir ou a adiar a partida.

Se a mulher é a metade que falta ao nosso todo — e quantos todos teremos nós? — a praia pode também completar-nos agradavelmente a vida, nesta época canicular, que torna apetece-

vel o sorriso buliçoso das vagas, emprestando à areia tépida maciezas de epiderme.

O mar tem, em português, as quatro letras do amor.

Belo, unanimemente, o mar é, por temperamento, sincero. A beleza é preciso juntar, à borda da água, a sinceridade.



À hora do banho. — Gozando a praia





Animação



Sob o tóido

Nas termas, ainda se pode fingir, representar.

Na praia, devemos ser o que somos. Não se tolera a mentira. Custa a suportar o artifício. Impõe-se a naturalidade.

Assim como o ar marinho dá cabo dos retores da cidade, assim certos embustes e manhas citadinas se modificam, anulam-se automaticamente, por obra do mar, inimigo da falsidade. A praia é escola de sinceros.

Viver belamente é viver com entusiasmo. O scepticismo, a tibieza, a apatia são começo de morte. Acelerando o sangue, chicoteando os nervos, o mar requinta a alegria de viver: alegria calma por vezes, suave, inconsciente, mas a alegria funda do organismo revigorado, sonhando embora o inotível, sem deixar de estar contente com a sua quotidiana obrigação.

No mar — dizia-me alguém — as penas, ou são voo rinchado de gaivotas, ou se afogam.

Penas de ave, é claro, e as penas do coração, que a nova ortografia igualizou!...

— com a patetice de certos apalhaçados cavaleiros que, nas praias, gostam de se salientar.

Estar triste na praia é bom para o inverno, quando os perigos do mar se desencadeiam ou adivinham. Tornando-o bonançaço — salvo o risco dos que perdem pé ou fôlego! — o verão decreta, para o mar, a confiança, a despreocupação satisfeita.

A calma florida do mar — o «leão raivoso» de Junqueiro — devemos corresponder com a placida disposição dos dias felizes. Já lá vai o tempo das «tristezas à beira-mar», de Pinheiro Chagas.

Em matéria de jovialidade, há que reconhecer que o português não é dos primeiros. As suas apregoadas qualidades de navegador são superiores ao seu feito de veraneante mazombo. Não sabe aproveitar, nem valorizar, todos os encantos da praia, importando-se demasiadamente com o que os outros dizem e fazem.

A praia, para bem gozada ser, aconselha independência e liberdade. O pendor para a fiscalização da vida alheia e um exagerado medo do ridículo fazem com que a praia portuguesa se ressinta da falta de iniciativa individual e colectiva. Tem um ar vagamente confrangido, às vezes malquistado, e poucos são os que se atrevem a infringir as normas da maldizente semsaboria.

Registe-se — e louve-se! — que se têm feito progressos sensíveis, abençoaáveis, para melhor.

Deixou de ver-se aquele fúnebre espectáculo dos banhos antigos, em que ir para o mar parecia um caso desesperado de condenação. Desapareceram essas senhoras que, no tempo de Ramalho Ortigão, vinham ao banho enroladas num chaile, com uma manta pela cabeça. A pudibundice entrouxante, a vesga hipocrisia, batem em retirada. Há mais alacridade, mais desenvoltura.

Menos sistemáticas, ainda prevalecem, aqui ou além, algumas impertinências rabugentas. Não há muito, a respeito do fato alaranjado com que uma senhora estrangeira toma banho, ouvi, em Cai-água, uma dama de óculos afirmar, com o mais completo convencimento, que «aquilo será bom lá para fora, mas que as portuguesas, descendentes dos nautas imortais, deviam ir para o mar todas tapadas». Afigura-se-lhe, portanto, indispensável que as suas patricias, sornamente trajadas, façam do banho uma penitência de farricocos — como se no Camões não houvesse também a Ilha dos Amores! Não me atrevi a indagar, mas ainda gostava de saber se a dita zeladora da tradição marinheira teria aprendido, pelo menos, a nadar.

Felizmente, a geração nova reage valorosamente contra semelhantes velharias. O passo que a moderna mulher portuguesa tem dado no caminho da desescravização de preconceitos mor-

Na procela, quando embarcado, o dever do homem é a serenidade. Habitando a praia, estivalmente, deve mostrar-se, deve sentir-se, jovial. Jovialidade que nada tem — está de ver!



Manhã no Monte-Estori

Grupo de banhistas



Um curioso instantâneo

rinhentos é notável. Graças às raparigas de agora, tão censuradas, mas tão empreendedoras, as lindas praias de Portugal, desentristecendo-se, vão-se tornando o que merecem ser: arraiais garridos, fervorosos, de mocidade, saúde, alegria, desprendimento — festas de vida em frente à festa das ondas; das ondas que, ao contrário delas, tonsuradas pela moda, conservam suas cabeleiras de algas.

As «miudas» vão sabendo tratar o mar com mais brilhante intimidade, com mais franqueza, e donaire. Repudiam o exemplo das avós sorumbáticas, que, em novas, se limitaram a olhá-lo desconfiadas ou suspirosas.

Já se sabe rir nas praias portuguesas. É outra a psicologia dos banhistas. Enjeita-se o sedentarismo. Procura-se enfeitar as horas.

Quando ocorreria, antigamente, a uma dessas respeitáveis e provincianas matronas, que nas praias armavam em vigias severas dos diversos ranchos, a pitoresca ideia que me expuseram, há dias, muito risonhos, uns vinte anos de saia pelo joelho? Segundo eles, o mar não representa a última palavra do arranjo. Para ser inteiramente admirável, o mar devia ser dividido em dois ou três compartimentos, de maneira a se poder esvaziar e limpar uma vez por outra.

Convicta neta dos descobridores — D. Catôa de Cai-água! — ponde vossos óculos na viveza desta imaginação prazenteira, e concordai que se pode ser genuinamente, deliciosamente, portuguesa sem incomodar o passado, que foi glória a brilhar imorredoura, porque teve, em seus dias, a coragem de querer ser o futuro em acção — isto é,



A caminho do banho

juventude do corpo, do espírito e do coração!

Entre areias e espumas, a glória azul do mar é um cenário maravilhoso para a elegância sóbria e o livre accionar da máquina humana.

Combinados ao acaso, os trajes berrantes, dão, dentro d'água, ares de paleta modernista às manhãs da praia. As lições da guerra ensinaram a encobrir, sem ocultar, a plástica feminina com o disfarce enganoso do *camouflage*, transformando-as em ninfas silvestres, ou irreais visões de seres complicados, lucilantes de escamas, engalanados de flôres, — ondinas desconcertantes, inéditas, com laivos de mistério nas bocas de coral, filho do mar!



Empurrando a chata

(Clichés Serra Ribeiro)

MANOEL DE SOUSA PINTO.